

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Irina Maria Ribeiro Dias

**O LUGAR DO CORPO E A CONSTRUÇÃO DE AFINIDADES NA BUSCA DE PARCEIROS
ON-LINE NA CONTEMPORANEIDADE DIGITAL**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Elisabeth de Paula Pissolato

Juiz de Fora
2023

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, IRINA MARIA RIBEIRO DIAS, acadêmica do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 202372511A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado, O LUGAR DO CORPO E A CONSTRUÇÃO DE AFINIDADES NA BUSCA DE PARCEIROS ONLINE NA CONTEMPORANEIDADE DIGITAL, desenvolvido durante o período de 16/08/2023 a 15/12/2023, sob a orientação de ELIZABETH DE PAULA PISSOLATO, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ___ de Dezembro de 2023.

Irina Maria Ribeiro Dias

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

O LUGAR DO CORPO E A CONSTRUÇÃO DE AFINIDADES NA BUSCA DE PARCEIROS ONLINE NA CONTEMPORANEIDADE DIGITAL

Irina Maria Ribeiro Dias¹

RESUMO

O interesse pelo caráter inconsciente das estruturas sociais é o que aproxima antropologia e psicanálise. Assim, esse trabalho pretende, por meio de um diálogo entre esses dois campos, tendo como objetivo principal compreender como se dá a construção de afinidades na busca por parceiros on-line, como o corpo faz presença no contexto digital, bem como o lugar da colonização estética neste cenário. A colonização estética é um processo observado na contemporaneidade a partir da noção de corpolatria, que remete à estetização e espetacularização do corpo posto à mostra e utilizado como mercadoria na sociedade contemporânea. A partir das premissas aqui destacadas esclarecemos que o objetivo central desse trabalho é abordar a noção de corpo como mercadoria e os efeitos disso diante da busca por afinidades em parceiros on-line. Propõe-se, assim, apresentar reflexões e analisar a influência desses paradigmas na contemporaneidade. Quanto à metodologia, trata-se de uma pesquisa exploratória, de natureza qualitativa. No referencial teórico foram abordados os seguintes temas: contemporaneidade, interações virtuais, ausência e presença do corpo e afinidades. Sob essa ótica, se mostrou que a imagem é um fator importantíssimo na busca de parceiros on-line, mas não se trata apenas da imagem em si, mas sim na imagem que é sustentada pelo sujeito.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo. Imagem. Afinidades. Desejos digitais.

1. INTRODUÇÃO

A questão da presença do corpo nas interações virtuais é algo intrigante na sociedade contemporânea. Se de um lado percebemos pessoas cada vez mais distantes de interações pessoais, de outro nos perguntamos em que medida o corpo está realmente ausente nessas interações, afinal os dedos que digitam fazem parte desse corpo que ainda que ausente se emociona e excita nessas interações. O surgimento de uma nova 'categoria' de homens japoneses - os *otaku*, que gostam mais de literatura mangá, anime e computadores do que sexo no mundo real ilustram esse contexto.

Diante do que foi aqui apontado, é importante pensarmos na presença/ausência do corpo nas relações virtuais e como isso impacta a construção de afinidades. O corpo é sempre possuído pela história do sujeito e isso tem efeitos.

Com o objetivo de compreender o corpo nas relações virtuais, este trabalho propõe uma análise textual contextualizando as interações virtuais que objetificam o corpo e produzem afinidades, perpassando pela colonização estética a que estão submetidos os corpos na contemporaneidade, bem como pela tentativa de controle sobre eles alcançada pelos transtornos alimentares, usando como base o conceito de sofrimento social.

À vista disso, este trabalho percorre ainda o conceito de extimidade, relacionando-o com a espetacularização da vida íntima e a busca de parceiros on-line na atualidade, percorrendo pela construção do conceito de afinidade nas mídias digitais.

Como base de análise, será usada uma abordagem multidisciplinar entre a psicanálise e antropologia pela metodologia de revisão bibliográfica, tendo abordagem qualitativa e natureza básica com caráter exploratório.

Além desta Introdução e das Considerações Finais, o trabalho contará com três capítulos, cada um deles dedicados a uma reflexão sobre os temas abordados. No capítulo dois, será realizada uma análise do corpo. O capítulo três é dedicado à colonização estética e a presença ausente do corpo entre telas. Para o

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Elisabeth de Paula Pissolato.

capítulo quatro, a análise da construção de afinidades na busca de parceiros on-line e a lógica de consumo presente nesse processo.

2. CORPO

Segundo o antropólogo Le Breton (2007, p. 7) “o corpo é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída”. O autor afirma ainda que “antes de qualquer coisa, a existência é corporal”. Na concepção da psicanálise o corpo é histórico e quase “possuído” pela história do sujeito. Esse corpo, que não se reduz ao corpo anatômico, é erotizado pela linguagem, é pulsional, autoerótico e encarna traços do inconsciente. Assim, o corpo é utilizado como recurso privilegiado para a manifestação da angústia que sente, para a tentativa de nomeação e identidade do eu, como meio de obter satisfação e denunciar que o excesso não é suficiente (Coppus, 2018).

Um corpo não existe sem um sujeito que o habite, ou temos um cadáver. De outro lado, também não há sujeito sem um corpo. Em “Psicologia das Massas e Análise do Eu” Freud afirma que o Eu é “[...] sobretudo um Eu corporal, mas ele não é somente ente de superfície: é, também, ele mesmo, a projeção de uma superfície [...]” (FREUD, [1923] 2006, p. 38). A partir dessa passagem freudiana é possível afirmar que não temos como nos reconhecer em algo que é nosso, excluindo o corpo. O sujeito pode não aparecer na cena, mas a sua voz, o seu olhar, a sua presença, a sua imagem tem que estar ali. Diante dessa colocação indagamos: como o corpo faz presença na busca de parceiros on-line? Como a noção de corpo contribui para a construção de afinidades?

A reconfiguração das relações sociais mediadas pela tecnologia leva muitas pessoas a questionar como opera o corpo nesse contexto. A presença entre telas, a facilidade em se manipular cenários e informações nos levam a uma suposta dicotomia entre real e virtual que já foi superada no campo da antropologia. O virtual é real. Para concretizar essa afirmação recorremos a um diálogo entre a protagonista Juliette Binoche e sua analista na produção cinematográfica francesa “Quem você pensa que sou?” (2019). No filme a protagonista, que tem em torno de 50 anos, se envolve com um jovem de vinte e cinco anos aproximadamente. Temendo que a idade limitasse o contato, que de início parecia ser apenas um meio de desbravar a experiência num contexto novo para Claire (o contexto virtual), a protagonista mente sobre a sua idade e, a partir disso, precisa criar uma vida para a personagem que constrói (Clara). O que ela não esperava é que a troca de mensagens construiria um envolvimento que é real, o que se desdobra no filme em cenas emocionantes.

— Ele queria uma foto...eu não podia negar. Eu não estava fingindo ter 24 anos... eu sentia ter 24 anos. Fui tão longe que eu era mais Clara do que Claire.

— Não posso te ajudar se continuar mentindo. O que você queria? Viver outra vida?(analista)

— Não queria viver a minha vida. Só viver!”

A partir desse trecho percebemos que a protagonista corporifica emoções que surgem a partir de um contato entre telas, em que não há presença física, de forma absolutamente intensa e real. A narrativa construída em ambiente virtual atravessa a vida da personagem a tal ponto que ela afirma ser mais a identidade construída virtualmente (Clara) do que ela própria (Claire). O corpo, portanto, se faz presente não apenas através dos dedos que digitam, mas das emoções corporificadas a partir das relações virtuais que se constroem diuturnamente na atualidade.

Beleli (2015) propõe uma interessante reflexão acerca da extensão do corpo nesse tempo em que deixar o celular em casa é como sair nu. Para a autora, incorporada ao corpo a tecnologia não é algo externo. “Assim, a interface corpo/tecnologia, como parte do fazer e refazer dos corpos (Haraway, 2009), também constitui subjetividades, em um jogo que borra fronteiras – natural/artificial, externo/interno e público/privado” (Beleli, 2015, p. 96). Nesse sentido, afirma a autora:

“O celular – muitas vezes atado, ou confundido mesmo com o corpo – não é apenas uma tecnologia, mas é parte da constituição do corpo, de modo que sua ausência pode ser lida

como a perda de algo nesse processo. Essa incorporação revoluciona as ideias sobre o corpo, cada vez menos limitado pela pele e todos os “sentidos”, incluindo a voz e os modos de fala – muitas vezes negligenciados ante o imperativo das imagens –, cujos tons e entonações também podem ser percebidos como fator de distinção, assim como a vestimenta e os cenários que aparecem no entorno de uma foto.” (Beleli, 2015, p. 95)

Em *Narrativas Infiéis* (2015), Pelúcio pesquisa experiências das masculinidades em um site de encontros para pessoas casadas. O contexto da busca por parceiros (as) on-line exige um sigilo especial, o que leva os participantes, em alguma medida, a não precisarem ou mesmo esquivarem-se de encontros presenciais. Ainda assim não é possível “tirar o corpo fora”, mesmo na sua ausência física o corpo se faz presente. Lia afirma: “Pelo *Skype*, a gente faz sexo” (Pelúcio, 2015, p.40); Ricardo, por sua vez diz: “... já percebi, por exemplo, que eu quero “caçar” e não exatamente comer o animal abatido” (Pelúcio, 2015, p. 55). Vale também mencionar as palavras de Karl que atestam a erotização do corpo pela linguagem: “Nos falávamos sempre, só nas palavras. Sentíamos muito desejo um pelo outro, um desejo diferente pois o que mais erotizava esse desejo era justamente a distância e as palavras. Sempre elas” (Pelúcio, 2015, p. 44). É interessante perceber que mesmo na ausência de encontros presenciais o corpo continua marcando presença e sendo palco de sensações e emoções.

A questão da presença *versus* ausência do corpo nos encontros virtuais é abordada por Whitty através de uma interessante expressão: a desencarnação on-line. De fato nas interações virtuais pode não haver “carne” no sentido de um corpo palpável, mas há corpo, podendo esse corpo inclusive ser reconstruído com “elementos fantásticos”. Neste sentido:

“Uma conclusão semelhante poderia ser tirada do estudo de Whitty (2003) dos “ciberflertes”. Entretanto, Whitty também explora o aspecto muito conhecido da desencarnação online. Ela sugere que, em vez de haver uma ausência do corpo nas interações comunitárias online, o corpo é reconstruído ou reencarnado de diferentes maneiras. Ela também relata a interessante combinação de elementos realísticos e fantásticos que permitem o surgimento de uma comunicação rica e divertida.” (Kozinetz, 2014, p. 42)

A sensação de uma nova realidade e um novo corpo no contexto das interações virtuais é abordada por Kozinetz, que afirma que essa sensação frequentemente acomete os participantes de experiências comunitárias on-line. Assim, a ideia de desencarnação nas experiências on-line que nos remete à ideia de ausência do corpo vai dando lugar a uma nova perspectiva: a presença de um novo corpo. Esse corpo é novo por ser animado por uma experiência subjetiva própria da interação daquele ser num dado ambiente virtual. Assim, afirma Kozinetz:

“Eu e Richard Kedzior recentemente sugerimos que o formato auto etnográfico pode ser aplicado de forma muito útil para aumentar nossa compreensão da experiência subjetiva de “ser” um avatar em um ambiente de mundo virtual (Kozinets e Kedzior, 2009). Sugerimos que o foco subjetivo profundo da netnografia é útil porque os mundos virtuais oferecem características interessantes, tais como a sensação de uma nova realidade e de um novo corpo (características que foram observadas em muitos tipos de experiência comunitária online, incluindo MUDs e MOOs)”. (Kozinetz, 2014, p. 94)

Embora em outra perspectiva, a presença do corpo nas relações virtuais também é elucidada por Carolina Parreiras em *Pornografias.com: as convenções do altporn*. A antropóloga esclarece que as marcas distintivas entre o *porn on the net* e o *netporn* passam pelo corpo de modo que o *porn on the net* conta com

corpos padronizados, enquanto o *netporn* tem como característica a possibilidade de exibição de diferentes corpos.

“Deste modo, é possível falar em duas possibilidades: o porn-on-the-net e o netporn. Essa divisão aparece em diferentes autores (JACOBS, 2007; PAASONEN, 2010/2011) e estabelece diferenciações em dois âmbitos: nos modos como a tecnologia é mobilizada e nas expressões da sexualidade. De modo geral, o porn-on-the-net é associado às produções da pornografia mainstream, sendo que o on-line funciona como um mero repositório de vídeos e fotografias. Além disso, as cenas apresentadas seguem o script básico dos filmes pornográficos: corpos padronizados, money shot¹⁰, centralidade do corpo feminino (mas sem possibilidade de escolha das mulheres em relação ao que irão ou não fazer), três posições sexuais coreografadas (sexo oral, penetração vaginal e penetração anal) e com pouco espaço para experimentações.

Já o netporn representa um rompimento com grande parte das categorias do pornô mainstream. Normalmente é representado pelos seguintes gêneros: pornografia alternativa, pornografia amadora e pornografia feminista. Suas principais características são: a possibilidade de exibir diferentes corpos; espaço para experimentações sexuais, com diferentes prazeres e fantasias (o maior exemplo é o BDSM); a tentativa de politizar os debates, especialmente em relação ao corpo feminino e ao lugar das mulheres no pornô; estética fetichista e queer e o uso constante das tecnologias para produção e exibição de suas representações”. (Parreiras, 2017, p. 22)

Ao abordar as particularidades dos corpos no pornô alternativo Parreiras alude ao *body modification* e *body art*, sendo essas práticas discursivas uma marca no pornô alternativo que representa “escolhas individuais” e um modo de corpo como mecanismo de construção da identidade. Assim,

“Há, no *altporn* produzido pela XXP, uma erotização das modificações corporais: piercings, tatuagens e escarificações funcionam como elementos que buscam causar excitação sexual e incitar prazeres e fantasias. Ter o corpo coberto por tatuagens e piercings é um fator individualizante dentro de um gênero convencionalmente conhecido por trazer mulheres com corpos esculturais, plásticas e implantes de silicone diversos. Ainda que todas estas possam ser consideradas práticas de modificação corporal, no pornô alternativo saem os silicões e as cirurgias estéticas e entram, no cálculo, tatuagens e piercings. Para as atrizes, trazer marcas no corpo é parte de sua construção enquanto sujeitos e é, também, um processo de individualização de seus corpos, em meio a tantos outros. São estes corpos que permitem sua entrada no mercado erótico alternativo e que as transformam em *Xgirls*. Não estou sugerindo que, na pornografia mainstream, não existam corpos tatuados, mas, sim, que esta não é uma característica que demarca e diferencia este gênero de produções.” (Parreiras, 2017, p. 32)

É importante ressaltar que muito embora o corpo se faça presente nas relações virtuais de variadas maneiras, o deparar-se com o corpo físico não é sem efeitos. Por vezes o cheiro, a (des)intensidade do toque, o gosto promovem o desencontro. Em outros casos há uma frustração que decorre de uma suposta distância entre aquilo que se imagina e aquilo com o que se depara ainda que o par tenha tido acesso a dados imagéticos como fotos e vídeos anteriores.

“Depois de quase seis meses interagindo com um homem que conheceu em um site de relacionamento, passando por longas conversas online, inclusive com web cam, telefonemas diários, me sentia namorando. O desastre do primeiro encontro é claramente marcado pela postura corporal do “namorado”: Ele andava olhando para baixo... ombros caídos, tão caídos que as mãos quase chegavam no joelho... parecia um orangotango, aquilo me causou repulsa... beijo??? Nem pensar... as ótimas conversas que tivemos por telefone ficaram esquecidas... ele não tinha pegada... mal consegui terminar o jantar e terminei a relação como começou, por uma mensagem de celular (...).

Bem... saiba que gostei muito mesmo de ter lhe conhecido... pois afinal de contas... hoje em dia, é muito difícil encontrarmos alguém que se possa confiar, com uma boa conversa e algumas afinidades. (Beleli, 2015, p. 107)

Contudo, por mais que tenha me dito que: “Prefere uma verdade que doa, do que uma mentira” ...mas o fato é, para aquilo que venho buscando no site, você não é esta pessoa... Me desculpe. E menti sim, ao dizer que foi o local que não permitia o “beijo”, mas sim, que não rolou a química que eu gostaria (...). (Pelúcio, 2015, p. 50)

Destaca-se que para Beleli essas narrativas apresentam casos extremos e pouco representativos no campo; a maioria aponta que a intimidade criada online ameniza atributos corporais e sensoriais mais sentidos nos encontros face a face (Beleli, 2015, p. 107).

A suposta distância entre aquilo que se imagina e aquilo com o que se depara, mesmo quando existe pleno acesso a dados imagéticos, nos leva a refletir sobre o processo de construção de afinidades nas relações virtuais num mundo regido pela lógica capitalista de consumo em inúmeras frentes.

3. COLONIZAÇÃO ESTÉTICA E A PRESENÇA AUSENTE DO CORPO ENTRE TELAS

A colonização estética é um processo observado na contemporaneidade a partir da noção de corpolatria, que remete à estetização e espetacularização do corpo posto à mostra e utilizado como mercadoria na sociedade contemporânea. Esse processo a que estão submetidos os corpos na era contemporânea é um processo que também alcança o contexto das interações virtuais objetificando o corpo e produzindo afinidades.

Diferentes corpos ilustram essa colonização estética: corpos magros, corpos sarados, corpos tatuados e escarificados, corpos com piercings. Como vimos, no *altporn*, são as tatuagens e não propriamente o peso a marca dos corpos de sucesso das *XGirls*. Assim, diferentes corpos, sempre disciplinados e dóceis, tornam-se o produto perfeito para um sistema que os devora: o capitalismo.

Compreendida a noção de corpo como mercadoria que serve ao sistema capitalista, é interessante perpassarmos pelo conceito de biopolítica e biopoder proposto por Foucault (2008 a) para compreendermos como a ausência de regulamentação estatal da comunicação virtual serve à exploração dos corpos na contemporaneidade. Assim, sobre o biopoder, elucida Foucault:

“essa série de fenômenos que me parece bastante importante, a saber, o conjunto dos mecanismos pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais vai poder entrar numa política, numa estratégia política, numa estratégia geral de poder. Em outras palavras, como a sociedade, as sociedades ocidentais modernas, a partir do século XVIII, voltaram a levar em conta o fato biológico fundamental de que o ser humano constitui uma espécie

humana. É em linhas gerais o que chamo, o que chamei, para lhe dar um nome, de biopoder.” (Foucault, 2008, p. 3)

Corpos adoecidos seriam portanto parte de uma estratégia político-econômica de alienação e subserviência. A ditadura da beleza travestida em modelo de saúde produz uma sociedade alienada, distraída pela disciplina do “comer bem e esculpir o corpo”. Como ensina Foucault (2009 b, p. 119):

“a disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, os chamados “corpos dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças. Ela dissocia o poder do corpo e faz dele, por um lado, uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte, por outro lado, a energia, a potência que poderia resultar disso e faz dela uma relação de sujeição estrita”.

Importante observar que a tentativa de controle sobre os corpos alcança na contemporaneidade um formato ainda mais preocupante. Os ditos *transtornos alimentares* ilustram o sucesso desse mecanismo de controle ao colocarem em cena que sequer é preciso um controle externo. A alienação é tamanha que este controle foi delegado aos próprios indivíduos. Nesta esteira, como bem pontuam Coelho e Rezende:

“se, nos últimos séculos, surgiu a necessidade de autocontrole sobre o corpo e as emoções a ser mantido pelo sujeito em todas as situações, antes, o controle era exercido em alguns contextos, mas não em todos, e era monitorado de fora para dentro, ou seja, pelos outros principalmente. A questão é que atualmente, em muitas situações, esse autocontrole é percebido como a forma natural de o sujeito se expressar, embora esse modo também tenha sido aprendido e regado.” (Coelho e Rezende, 2010, p. 39)

O *transtorno alimentar* é uma marca no corpo que expressa o que não pode ser dito e ilustra o quanto comer e ser são inseparáveis. Não se trata de mero desvio de conduta alimentar, mas de uma prática que denuncia uma angústia que se apresenta como marca da sociedade contemporânea. Essa angústia merece ser investigada no campo da antropologia das emoções.

A crescente proliferação dos transtornos alimentares é algo que nos intriga, afinal, embora cada vez mais informada, a sociedade se mostra a cada dia mais adoecida. Neste contexto, é importante refletirmos sobre o conceito de **sofrimento social** trazido pela antropologia. Assim, o olhar antropológico para esse fenômeno se volta fundamentalmente para os processos sociais, políticos, culturais e econômicos que, combinados, engendram formas corporificadas de sofrimento e apontam para como essas formas corporificadas de sofrimento também contribuem para a especificidade da vida social (Victora, 2011). Trata-se, segundo Victora (2011, p. 3) de mostrar que diferentes tempos e sociedades produzem certos tipos de sofrimento, que são experimentados no corpo, ou seja, corporificados, na medida em que o corpo é o *locus* de produção e atualização constante dos sentidos (*apud* MERLEAU-PONTY, 1962; JENKINS, 1992; BOURDIEU, 1995, 1999 e 2004).

Tendo em conta que o sofrimento é constitutivo do mundo social, a questão do adoecimento compreendido na sua relação com normas sociais, moralidades ou disputas culturais específicas sempre foi alvo de discussões antropológicas. A ideia de “*embodiment*” (corporificação, corporeidade, inculcação ou encarnação, nas diferentes traduções do termo para o português) torna-se central na construção de um conceito de sofrimento que não apenas se expressa mas, fundamentalmente, se experimenta no corpo (CSORDAS, 1994). O ponto fundamental desse debate é que o adoecimento não está necessariamente relacionado às patologias genéricas universais que acometem indivíduos, os quais podem vivê-las diferentemente em diferentes tempos e sociedades.

Neste ponto, importante rememorar a reflexão inaugurada por Georges Canguilhem, acerca da dicotomia entre normal e patológico. O autor, que muito contribuiu na formação da noção de saúde coletiva, nos convida a pensar sobre a inserção da subjetividade no campo saúde/doença e assim afastar inquietudes

que decorreriam da não subsunção a um quadro clínico pré-definido, oportunizando assim um tratamento que considera a individualidade do sujeito e, portanto, tende a ser mais efetivo.

Canguilhem rebate a ideia de que os estados de saúde ou doença se diferenciariam numa perspectiva quantitativa. Aponta, inclusive, a falha da escola positivista que, muito embora defendesse a concepção quantitativa, se valia de termos qualitativos como “exagero” e “desarmonia” para caracterizar a concepção de saúde e doença. Abraçando uma perspectiva qualitativa da dicotomia saúde e doença, Canguilhem passa então a defender a ideia de que não há uma patologia objetiva, a patologia seria relacional às terapêuticas devendo considerar o indivíduo em sua singularidade cultural e relacional. A patologia, portanto, não existiria por si, mas apenas num contexto que compararia o indivíduo a si mesmo, em diferentes momentos do ponto de vista temporal. Essa é uma visão que pouco interessaria à classe médica que consideraria esta concepção “por demais metafísica e até vulgar”. O autor pondera, entretanto, que a avidez do apetite médico pela cura desconsidera o fato de que a cura não estaria necessariamente associada à saúde. Importante a menção à brilhante colocação do autor no sentido de que a ausência de normalidade não constitui o anormal, pois o patológico é normal e a doença faz parte da experiência de estar vivo (Coelho, 1999).

A partir das noções postas por Canguilhem, pensemos no viés biologicista que também invade o campo da antropologia das emoções. Neste sentido, vale rememorar as lições de Coelho e Rezende (2010) segundo as quais,

“embora na etnopsicologia da sociedade ocidental contemporânea as emoções tenham uma dimensão psicobiológica, admite-se que a sociedade influencie o modo de expressar os sentimentos. Devido à associação da imensa maioria de casos envolvendo anorexias, bulimias e obesidades a inclinações depressivas. Portanto, as emoções, embora situadas no corpo, têm com este uma relação que é permeada sempre por significados culturalmente e historicamente construídos. A visão de que as emoções são fenômenos universalmente compartilhados, posto que fruto de uma unidade biológica e psicológica do ser humano, é problematizada pelas ciências sociais, que a toma como elemento da etnopsicologia ocidental moderna.” (Coelho e Rezende, 2010, p. 15)

Como ensina Miller (2006), não há clínica do sujeito sem clínica da civilização. Partindo dessa premissa, percebemos a importância de investigarmos historicamente a conformação dos corpos. Dos chamados “novos sintomas” da contemporaneidade, talvez os *transtornos alimentares* sejam os que provocam mais impacto. Nessa gama de apresentações clínicas em que o corpo parece ser palco de atividades extremamente destrutivas, mórbidas, que escapam abruptamente da lógica do desejo de viver, nos perguntamos o que deflagra esses comportamentos que parecem ser uma marca da civilização contemporânea? Constatamos nesta exposição que o adoecimento dos corpos serve ao sistema capitalista e essa colonização estética também tem lugar no “entre telas”. Diante disso nos indagamos: seria o ato de buscar interações virtuais um modo de escapar dessa lógica de opressão? Evitar a exposição crua do corpo físico pode significar em alguma medida um drible à objetificação do corpo que serve ao sistema capitalista? Há comparecimento subjetivo quando o corpo não comparece? O que a exposição do corpo pode enublar?

A construção da intimidade virtual é uma experiência que dá notícia do comparecimento subjetivo do sujeito ainda que ausente o corpo. Há quem diga que as interações virtuais possibilitam “deixar o corpo em segundo plano”. Isso é possível? Aqui nos referimos ao ideal de corpo fruto da colonização estética, não ao corpo que se possui. O corpo, mesmo ausente, comparece. É por ele que se vivenciam as emoções que as interações on-line proporcionam. Assim, se de um lado no ambiente virtual é possível escapar de uma avaliação estética imediata do corpo físico que possibilita que corpos fora dos padrões desejados vivenciam essa experiência, de outro não há como “tirar o corpo fora” pois vivemos com o corpo as emoções que essa interação proporciona.

Concluimos com uma inquietante indagação: o que a exposição imediata do corpo numa interação virtual pode enublar? Pensar que a construção de intimidade pode se dar sem a apresentação dos corpos

nos leva a refletir acerca das potencialidades reveladoras que uma comunicação estritamente textual pode alcançar, e no que pode ser enublado a partir da exposição do corpo físico. Neste sentido:

“É verdade que a comunicação textual omite muitos aspectos da comunicação pessoal, com suas mudanças de tom, pausas, vozes roucas, desvios do olhar, e assim por diante. Contudo, ela pode incluir outras importantes expressões simbólicas impossíveis de transmitir por meio do corpo. Em uma realidade textual, o anonimato, às vezes vantajoso para a obtenção de revelações, também pode impedir-nos de ter a confiança de que entendemos o contexto de nossas comunicações. De que idade, sexo, etnia é a pessoa que está se comunicando conosco? Como podemos comparar a diferença em membros da cultura? Como se relacionam os mundos dentro e fora da internet? Pode ser difícil vincular definitivamente os dados retirados exclusivamente de uma comunidade online a determinados gêneros, classes sociais, idades e raças. (Kozinetz, 2014, p. 124)

4. A CONSTRUÇÃO DE AFINIDADES NA BUSCA DE PARCEIROS (AS) ON-LINE E A LÓGICA DE CONSUMO PRESENTE NESSE PROCESSO

Conforme o professor Fuad Kyrillos Neto (2018, p.1), “a contemporaneidade tem como um de seus referenciais o corpo à mostra”. Neste sentido, também a antropóloga Paula Sibilia (2015) trabalha o conceito de *extimidade* como uma espetacularização quase necessária da vida íntima. Segundo a pesquisadora, na contemporaneidade a vida real é convocada a performar e se realizar em cena, na visibilidade, ao contrário, é como se não existisse.

A corpolatria tem sido fomentada nas mais diversas apresentações do corpo. Nesse mostrar-se a si mesmo e aos outros o corpo passou a ser estetizado e espetacularizado semelhante a outras esferas culturais, levando a uma colonização pela estética, tornando-se uma mercadoria preciosa (Neto, 2018, p. 1).

Não foi apenas Neto que identificou o corpo como mercadoria. Jean Baudrillard em sua obra *Sociedade e Consumo* (1970) afirma que “em consequência da substituição da moral pelo consumo, o corpo se tornara um objeto, tornara-se, inclusive, o mais belo objeto de consumo.”

Na mesma esteira, Pollo (2018, p. 5), afirma:

“O sujeito é, então, induzido a uma dupla prática do seu próprio corpo: deve tratá-lo como capital e como fetiche. Em ambos os casos, ele deve investir no corpo, no duplo sentido do termo investimento, tanto no sentido econômico, quanto em sua acepção psíquica. De modo que ele se torna uma espécie de duplo ameaçador. Deve ser o objeto mais liso e reluzente, na lógica fetichista; deve produzir lucro, na lógica capitalista. Estabelece-se uma equivalência mágica entre comprar e sentir-se bem na própria pele, pois é ela que envolve o corpo, não mais a alma.”

Em “A arte de reduzir cabeças”, ao tratar sobre a nova servidão ultraliberal, Dunfour (2003, p. 7) traz uma interessante colocação do psicanalista Jacques Lacan, que advertia que “o discurso capitalista é algo loucamente astucioso (...), anda às mil maravilhas, não pode andar melhor. Mas, justamente anda rápido demais, se consome. Consome-se, de modo que se consuma”. O capitalismo funcionaria, pois, muito bem. Tão bem que, um dia ele deveria acabar por... consumir a si mesmo. Mas eis: ele não se consumará antes de ter consumido tudo: os recursos, a natureza, tudo - inclusive os indivíduos que a ele servem. Na lógica capitalista, “o escravo antigo foi substituído” por homens reduzidos ao estado de “produtos”: “produtos (...) consumíveis tanto como os outros”.

Compreendida a noção de corpo como mercadoria que serve ao sistema capitalista, é interessante analisarmos como essa noção está posta na busca de parceiros on-line na atualidade, o que perpassa a construção do conceito de afinidade nas mídias digitais.

A busca de parceiros on-line está claramente inserida na lógica de consumo que serve ao sistema capitalista e comanda o mundo na atualidade. Não se trata apenas de corpos reduzidos ao estado de produtos, mas de sujeitos reduzidos ao estado de produtos. Nessa lógica, surge o conceito de produção de afinidades apresentado por Lara Beleli em “O imperativo das imagens: construção de afinidades nas mídias digitais”. A autora, que realiza uma pesquisa etnográfica com mulheres de 35 a 48 anos que buscam parcerias amorosas/afetivas/sexuais em sites e aplicativos de relacionamento, afirma que:

“As *afinidades* são definidas a partir de similaridades de capital social e cultural. As *afinidades*, num primeiro momento, percebidas por meio da circulação de fotos, são lidas não só por meio da aparência física, mas também pelo seu entorno – paisagens, objetos –, que também criam imaginações sobre “estilos de vida”. (Beleli, 2015, p. 1)

No mesmo sentido Miskolci (2017, p. 97) assevera que “a própria “beleza” ou “*sex appeal*”” atribuídos a certos perfis estão diretamente associados a características de classe, que tornam atraente o que é familiar e, portanto, desejável.

Beleli prossegue afirmando que “intimamente associada ao consumo, a imaginação sobre o “estilo de vida” do outro, pensado como relacional, reafirma o seu próprio, produzindo as afinidades, mas também passa por arenas ainda pouco analisadas – *cheiro, pegada, gosto do beijo*” (Beleli, 2015, p. 107).

Nos ateremos aqui a pensar a imaginação sobre o estilo de vida como produtor de afinidades, o que nos remete à noção de desejos digitais trazida por Miskolci, segundo o qual:

“As novas formas comunicacionais não apenas criaram um novo contexto para desejos preexistentes, mas passaram a modificar esses próprios desejos. **Chamo preliminarmente de desejos digitais essas novas formas de expressão do desejo na era das relações criadas por plataformas comunicacionais em rede e que existem não apenas on-line, mas se estendem também ao off-line.** As tecnologias comunicacionais do presente nos transformaram como seres desejantes, estenderam a nós novos horizontes aspiracionais marcados por expectativas e ideais muito diferentes dos que moldavam as vidas sexuais e amorosas construídas predominantemente face a face. **Assim, esses novos desejos passam a moldar as vidas das pessoas, tornando-as mais atentas à sua própria aparência, incentivando-as a aderir a tecnologias corporais como dietas, exercícios, além do uso de cosméticos e o maior apuro ao se vestir.**” (Miskolci, 2017, p. 71)

É interessante reafirmar que o processo de produção de afinidades que passa pela imaginação sobre estilos de vida e nos remete à noção de desejos digitais não se atém ao on line, estendendo-se ao off line, o que explica a colonização estética a que estão submetidos os corpos na contemporaneidade. Essa colonização estética tem sido francamente potencializada pela vida digital, processo que serve ao sofrimento social e adoecimento dos corpos que, disciplinados e dóceis, tornam-se o produto perfeito para um sistema que os devora: o capitalismo. Novamente entra em cena o corpo, agora em sua dimensão física.

Na era da conectividade a beleza concretizada no corpo físico é encarada como instrumento de poder. Não apenas por habitar o campo do desejo do indivíduo (típicos da era da conectividade) mas também por movimentar milhões de dólares na indústria da moda, da estética e também na indústria farmacêutica. A beleza física, travestida na noção de corpo magro, passou a escravizar milhões de pessoas através de uma ferramenta perigosa típica da “era da internet”: as redes sociais. Assim, muito embora tenhamos percorrido um caminho que aponta no sentido de que a construção de afinidades na busca por parceiros on-line

ultrapassa questões circunscritas à beleza física, o corpo físico tem o seu espaço nesse processo. Nesse sentido, afirma Beleli:

“Num primeiro momento, a seleção é informada por uma ou mais fotos, o que pode ser pensado como um dado cujo principal atributo seria o que lhes parece belo ou não, mas a afinidade é mapeada também pelo contexto da foto, aquilo que aparece, por vezes um tanto desfocado, como pano de fundo”. (Beleli, 2015, p. 1)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca de parceiros on-line nos levou a perquirir qual o lugar do corpo nesse processo. Seria necessária a presença do corpo físico em encontros off-line para que pudéssemos pensar na presença do corpo? Vimos que não. O corpo se faz presente de diversas maneiras. Mesmo que um encontro presencial não se dê, o corpo está presente nos dedos que teclam e nas emoções corporificadas que atravessam os viventes das relações virtuais. Também é importante lembrar.

Tratamos a seguir do lugar do corpo na construção de afinidades na busca por um parceiro virtual. Vimos que muito embora a interação muitas vezes se inicie a partir do interesse em uma foto, não é apenas o corpo físico que está em jogo na imagem. A fotografia traria dados sobre o estilo de vida de quem a expõe, fator fundamental na construção de afinidades na era da conectividade.

Trabalhamos ainda o conceito de desejos digitais e o papel das redes virtuais na colonização estética a que estão submetidos os corpos na contemporaneidade. Ainda que o processo de construção de afinidades na busca por parceiros on-line não esteja circunscrito ao interesse que mira apenas o corpo físico, esse é um ponto de partida já que a interação hoje, geralmente, se inicia a partir da troca de fotografias.

Por tudo o que se expôs, concluímos que a imagem é um fator importantíssimo na busca de parceiros on-line. Mas não se trata apenas da imagem da foto, ou de um corpo desenhado. O sujeito precisa sustentar uma imagem de felicidade, de quem consegue, de quem é amado.

REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Edições 70, LDA. Outubro de 2008. Éditions DeNoël, 1970.

BELELI, Iara. 2015. **O imperativo das imagens: construção de afinidades nas mídias digitais**. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 44, p. 91-114.

COPPUS, Alinne Nogueira. **“Eu sou um outro: o descompasso entre o eu e o corpo**. Rio de Janeiro. Revista Ágora, 2018.

DUFOUR, D.-R. (2005). **A arte de reduzir as cabeças: sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, p. 210.

FURTADO, R. Nogueira; CAMILO, J. Aparecida de Oliveira. **O Conceito de Biopoder no Pensamento de Michel Foucault**. Revista Subjetividades, [S. l.], v. 16, n. 3, p. 34–44, 2017. DOI: 10.5020/23590777.16.3.34-44. Disponível em: <https://ojs.unifor.br/rmes/article/view/4800>. Acesso em: 16/11/2023.

FOUCAULT, M. **Segurança, território, população: Curso dado no Collège de France (1977-1978)**. São Paulo: Martins Fontes (2008a).

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009b.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MISKOLCI, Richard. 2017. **Desejos digitais: uma análise da busca por parceiros on-line**. Belo Horizonte: Autêntica Ed., 2017 (capítulo II “Rede de desejos”).

NETO, Fuad Kyrillos: **Psicanálise e corpo na contemporaneidade**. Disponível em: http://www.psicopatologiafundamental.org/uploads/files/iii_congresso/temas_livres/psicanalise_e_corpo_na_contemporaneidade.pdf Acesso em: 16/04/2018.

PARREIRAS, Carolina. 2012. **Altporn, corpos, categorias e cliques: notas etnográficas sobre pornografia online**. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n.38, p.197-222.

PELÚCIO, Larissa. 2015. **Narrativas infieis: notas metodológicas e afetivas sobre experiências das masculinidades em um site de encontros para pessoas casadas**. Cadernos 4 Pagu, Campinas, SP, n. 44, p. 31-60.

POLLO, Vera. **O psicanalista e a ditadura da imagem**. Disponível em: <http://www.psicanalise.ufc.br/hot-site/pdf/Mesas/51.pdf>. Acesso em: 18/10/2018.

QUEM você pensa que sou. Direção de Safy Nebbou. Distribuição no Brasil: California Filmes, 2019. 1 DVD.

REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Claudia. **Antropologia das Emoções**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010 (Introdução; capítulo 1: “Emoções: biológicas ou culturais?”; capítulo 2: “Emoções: individuais ou sociais?”).

SIBILIA, Paula. **O universo doméstico na era da extimidade: Nas artes, nas mídias e na internet**. Revista Eco Pós ISSN 21758689. Arte, Tecnologia e Mediação. V. 18. N.1. 2015.

VICTORA, Ceres. 2011. **Sufrimento social e a corporificação do mundo: contribuições a partir da antropologia**. Reciis, v. 5, n. 4, p. 3-13.

KOZINETS, Robert. **“Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online”**. Porto Alegre: Penso, 2014.